# 24

DE

# SETEMBRO

DE

# 1839.

PORTO.

# ORAÇÃO FUNEBRE

NAS EXEQUIAS DE S. M. I.

## O SENHOR D. PEDRO,

DUQUE DE BRAGANÇA,

E REGENTE DE PORTUGAL;

RECITADA

NA IGREJA DE N. SENHORA DA LAPA

DA CIDADE DO PORTO,

*Em 24 de Setembro de 1839.*

por


*Luiz Moreira Maia da Silva,*

Vigario de S. Eulalia de Macieira de Sarnes, e Vigario da Vara do 2.º Districto da Feira.


PORTO:

NA TYPOGRAFIA DE FARIA & SILVA,

Rua de St.ª Catharina N.º 2 H.

1840.

# ORAÇÃO FUNEBRE

## NAS EXEQUIAS DE S. M. I.

## *O SENHOR D. PEDRO.*

---

» Et fleverunt eum omnis populus Israel plan-
» ctu magno, et lugebant dies multos, et
» dixerunt : Quomodo cecidit potens, qui
» salvum faciebat populum Israel!

» E todos o choraram muito, e por muitos dias; e
» por ultimo disseram: Como acabou este homem
» poderoso, que salvava o Povo d'Israel!?..

Mach. C. 9. = V. 20 e 21.

---

Neste dia tão memoravel em nossos annaes, unindo meus votos aos desta respeitavel Assemblea, eu me proponho elogiar a vida, e deplorar a morte de uma Personagem célebre, cuja nobreza d'espirito excedeu a do seu Nascimento; e cujo Coração foi maior que os seus Dominios.

Sublime em sua origem — grande em seus infortunios, atravessando as humanas vicissitudes — seus poucos annos foram sempre cheios; sempre brilhante a sua carreira.

Rico de sentimento — fecundo em previdencia, soube elle conciliar o juz, e os interesses da Magestade, e dos Povos: e, collocado no lusitano Throno, o filho d'Heroes e de Reis, tornou-se o Páe commum da Familia Portugueza!...

*

O bêrço lhe déra esse Throno; — seu aguerrido braço o defendêra; e esta Invicta Cidade lho manteve, a despeito dos imprevistos tramas, que a perfidia, e a rebellião urdiram!..

Na idade em que os outros succumbem ao pendôr das paixões, pôz elle em prática a difficil arte de vencêl'-as: e sua inaudita clemencia foi um balsamo consolador, cicatrisando as feridas, que a mão do perjurio, e da usurpação abríra!..

A Providencia coroou seus esforços... immurchaveis louros lhe adornavam a frente... no remanso da paz hiam seus dias... e um futuro feliz.... feliz!.. oh! a morte vibrou-lhe o golpe... abrio-se o tumulo... e a terra veio reclamar um pó, que della tinha sahido!.. Eis a esperança nacional sumida... e o enthusiasmo da Patria quêdo no meio dos seus vôos. E as lagrimas então correram — e todos o choraram muito... muito — E quasi tres milhões de vozes exclamaram: — Como acabou este homem poderoso, que tinha salvado a Patria!?.. *Quomodo cecidit potens, qui salvum faciebat populum!* O grito da dôr e da saudade solto nas areias do Tejo, achou écco nas Durienses margens; e os Portuenses murmuraram entre soluços: — Como acabou este homem poderoso, que salvára esta heroica Cidade!.. “ *Quomodo — cætera que.* ”

” Sim acabou, continuaram elles... mas suas
” virtudes ficaram gravadas no vão dos nossos pei-
” tos... Acabou... mas a lembrança de seus bene-
” ficios é indelevel: Deixou d'existir... mas a fama
” de seu grande Nome vive aqui... alli... avante...
” onde chegam os nossos passos, e onde a nossa vis-
” ta alcança!.. Desceu ao tumulo... mas lá está em
” cima... radiosa a sua alma de gloria — galardoa-
” do o mérito de seus sacrificios, e do seu extrema-
” do amor da Humanidade! Qual sombra fugitiva,
” passou entre nós... mas entre nós se alevantará
” um monumento solemne de saudade, e gratidão,

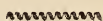
» que hade arrostar a ira dos seculos, em quanto
» um só de seus filhos contar a nossa Patria!.. Oh!
» essa Patria... nós lha devemos! A nossa Liberdade
» foi obra sua!..»

Christãos! que a voz do reconhecimento aqui reune! Eu não vou mais longe. O meu plano está traçado. Comecêmos neste memorando dia a realisar os votos de gratidão, tacitamente firmados ha cinco annos na alma de todos os bons. Ainda que inhabil, eu encetarei esta difficil tarefa. Para avivar ainda mais, se é possivel, aquella virtude, recordarei os Feitos extraordinarios do Immortal D. PEDRO. Visivelmente a Divindade andou aqui — que a mão do homem não podia tanto... E por isso eu intento mostrar = Que o muito Alto, e muito Poderoso Senhor D. PEDRO, Duque de Bragança, e Regente de Portugal, e seus Dominios, auxiliado pela Divina Providencia, conquistou atravez de immensos prodigios a Herança de seus Avós — 1.ª Parte.

Que por uma serie d'inconcebiveis exforços, e sacrificios, quebrou elle as algemas da Tyrannia — derrubou seu sceptro — e fez-nos livres — 2.ª e ultima.

Meu Deus! Humildemente imploro o vosso auxilio! E tu, ó filha dos Ceos — primitiva irmãa da Natureza — ingenua, e simples Liberdade! Eu te invoco neste dia! Anima as expressões d'um orador, que nunca soube adular o Podêr, mas que é grato á memoria de um dos maiores homens, que passou sobre a terra!...

Bem melindrosa é a posição, em que me acho collocado: todavia, Senhores, sem deslisar dos meus principios, eu não trahirei os dos outros; e espero não desagradar a partido algum.

## NARRAÇÃO.

Quando estava a Nação inteira curvada ao jugo de um Tyranno... apoiado pelos Gabinetes Europeus de maior vulto.... Quando em Vienna, Pariz, e Londres vogava um Ministerio mantenedor do Absolutismo... Quando, á excepção da Ilha Terceira, eram perdidas as nossas Possessões Ultramarinas; proscriptos, e dispersos em lar alheio os heroes da emigração... e até batidos sobre as aguas do Atlantico por uma Potencia, que se dizia amiga... Quando a Diplomacia moderna, vendida ao nosso ouro, estava prestes a reconhecer este verdugo... Quando elle, emfim, escudado por uma formidavel força numérica — possuidor de todos os recursos — estribado no fanatismo dos Povos, e na prepotencia das Ordens Religiosas, hia desdobrando em toda a parte o manto do podêr; — angariando as classes Nacionaes; — amortecendo os lusitanos brios; — tolhendo os vôos do espirito; — e suffocando entre cadêas alguns esforços da virtude: então os Portuguezes dignos deste nome, possessos do universal torpôr — estranhos na sua propria Patria — disseram entre si magoados: = A causa da Liberdade está perdida!...

E em verdade, se na Tribuna estrangeira oradores habeis (alguns delles ingratos á Nação, que lhes deu renome, e interesses) prosperavam as vistas do perjuro... no Paiz Aulicos astutos em duplicados escriptos atiçavam o facho da anarchia, adulando com incrivel descaramento o motôr de tantos males, e deprimindo com horrorosas côres o mérito da innocen-

cia gemente — furagida — longe do solo patrio — sem meios, e muitas vezes sem pão!..

Na Casa do Senhor, á face dos Altares, e do Deus vivo, ostentava o Clero uma linguagem burlesca, e femeutida contra uns desgraçados, que sós partilhavam a perseguição, a fome, e os ferros... Ministros de um Deus de paz, eram elles o orgão da crueza, e da carnagem. Enthusiastas do erro, seduzir, e desmoralisar os povos, era o seu alvo. A Igreja foi muitas vezes o logar d'invectivas, e sarcasmos; e a cadeira da verdade o tribunal da mentira!..

E, movida por similhantes molas, seria para maravilhar, que a massa geral da Nação tivesse por divinamente inspirados os actos do Despotismo? Que um povo docil, como o Portuguez, dobrasse o colo a tão reiterados prestigios? e se tornasse a lamentavel victima da sua fatal credulidade?...

E um Colosso assim coadjuvado pela Imprensa — firmado no Poderío, e no Evangelho — sería provavel, que só por meios naturaes se alluisse, sem nisso intervir a Providencia?.. Oh! desgraçado quem se atrevesse a tanto!..

Dia 7 de Maio de 1829! Dia de luto... de pavôr... d'angustias! Tu occuparás uma pagina inapagavel em nossa Historia! Tu lembrarás aos vindouros a execração, que se deve aos Tyrannos! E os devidos tributos de saudade, e d'amor ao sempre chorado, e incomparavel PEDRO!..

Conveio aos Satelites da Uusurpação occultar neste dia a negrura de seus projectos. Uma dôce esperança aligeirava o infortunio dos Martyres da Patria. Cavillosas promessas sahiam da bôca mesmo daquelles, que comminavam a pena. Sensiveis ao pranto se mostravam seus olhos, em quanto seu espirito meditava a traição, e ardilosamente approximava a catástrophe. Populares boatos eram de proposito espalhados, todos tendentes a esperançar as victimas. = É só um apparato = diziam uns = pa-

ra intimidar os cumplices. = A voz do perdão soará junto ao Patibulo = diziam outros. = Nenhum sangue correrá = conheciam quasi todos. = E os Algoses ministeriaes apoiavam estas ideias. Alguns dos infelices chegaram até a illudir-se, e a pensar que, passado o instante d'opprobrio iriam gosar as delicias domesticas — os affagos de suas esposas — e os carinhos dos innocentes filhos. . . . Oh! é tão facil . . . é tão dôce o enganar-se o homem com a lembrança de futuros gosos ! . . .

Já o Sol porém tem decorrido uma grande parte da sua carreira — é a ultima vez, que deve amostrar-lhes o esmalte do Universo. . . . O sino lugubre entôa nas altas torres o prolongado, e vagaroso som da morte. . . . O Anjo da Exterminação parece que desembainhou a fulgurante espada na Cidade fiel . . . Patrulhas de Janisaros por toda a parte apparecem para insultar a desolação publica; estancar o pranto — e emmudecer os labios dos afflictos Portuenses. . . . pasmados no meio da geral consternação. . . Bandos errantes de todo o sexo, e de toda a idade divagam por essas Ruas, para evadir-se do logar da Tragedia; e buscar, nos suburbios, um refugio á sua mágoa. . . . Em todos os semblantes apparece a imagem da tristeza, e da desesperação. . A mór parte dos Cidadãos fecha seus domicilios. . . outros se escondem no mais recondito de suas habitações. . . Não querem luz — nem alimento . . . evitão a sociedade. . . querem sós deplorar em segredo a viuvez da sua Patria! . . Todos os corações batem apressadamente. . . presagiam desgraças. . . e não podem acredital'-as. . . estão á espera. . . e não sabem de que. . . Ah! que esta oscilação de pensamentos — este combate interior das paixões... é um dos maiores flagellos do homem! . . As lagrimas por fim assomam, as forças mentaes se attenuam; a energia moral os abandona!! . . .

Esta com tudo não desampára os Martyres politicos. Depois de mutuamente se despedirem até mais

vêr na Eternidade... depois de se aproveitarem das consolações, e dos soccorros, que a nossa Santa Religião prescreve; cheios d'intrepidez, e de valor... lá caminham para o supplicio... Estam levantados os patibulos... divisam-se em torno os aparelhos da morte... o ferro brilha nas assassinas mãos... o odio scintilla nas vistas dos verdugos...; mas a consciencia os não accusa... é seu escudo a innocencia — nada receiam! O amor da Patria os nutrio... o amor da Patria os alenta. Livres viveram — e acabam livres!.. Souberam pensar! E assim sabem morrer!..

A hora marcada soou... cabeças illustres se abateram... ensanguentadas... rolaram no pó... O Ceo porém abriu-se — a Divindade acolheu mais almas — e as constituiu medianeiras de nossos futuros destinos!...

Usurpador! Estremece! Enche as masmorras de Cidadãos benemeritos — carréga-os d'algêmas — prepara os cadafalsos — e a morte em tuas mãos excogite mil variadas formas, para mais exquisitamente atormental'-os! Nutre-te alma ferina d'assassinato, e de carnagem! O sangue de tantas victimas ha de clamar ao Ceo! As preces dos Justiçados ham de unir-se ás desse Monarcha infeliz, a quem um filho abreviou a existencia, mas a quem outro filho hade vingar! O Deus dos Portuguezes — o Deus dos nossos Reis, expectador de tantas atrocidades lhe entregará a espada da sua ira — lançando sobre ti uma dessas vistas de reprovação... um desses horriveis castigos, que tantas vezes se tem feito sentir aos Tyrannos!..

Mas quem sam esses malfadados Guerreiros, que enfunando as vélas, e entoando patrioticos hymnos, dirigem o leme ás Lusitanas Praias? Ah desgraçados! Que temeraria ousadia os céga! Que pode um punhado d'heroes contra um Reino arripiado de bayonetas? Póde o grito da Liberdade, e da virtude despertar animos fanatisados — adormecidos nos ferros — e sepultados no crime!.. Oh Providencia! amos-

*

tra agora o teu Imperio! E Tu ó Grande Principe! eis se abre o theatro da Tua Gloria!..

Porque motivo uma Divisão forte, e ameaçadora se debanda, e se dispersa ao avistar os Pavilhões de PEDRO? Porque se abate o Estandarte dos Despotas ao só aspecto da bilocôr Bandeira? Porque entra o Heroe sem perder um bravo na 2.ª Capital da Patria? Qual é a causa de tão estupendos prodigios? É a mesma, porque ao som das trombetas d'Israel desabam os muros de Jericó... é a mesma, porque Jedeon com trezentos Soldados destroe numerosas falanges:.. A mesma em fim, porque o Vencedor de Goliat lança por terra a esperança dos Filisteos!... e o plano de Fabio, que o Usurpador adoptara, sem ter Fabios que o soubessem desempenhar, é quanto a mim o primeiro auxilio, que a Mão de Deus lhe déra!..

Agora o vemos n'uma Cidade só, pugnando contra um Reino inteiro — circumscripto no recinto de seus muros — limitado aos seus proprios recursos, e á coragem de seus valentes camaradas — despindo na popularidade o esplendor da sua origem — elevando-se acima... acima de todos os preconceitos nacionaes — affrontando todos os perigos — vibrando a morte a um sem numero d'inimigos — tornando-se por seus inauditos feitos o alvo do Universo — ora defendendo... ora conquistando pé a pé... palmo a palmo seu Nome — sua Dignidade — e sua Gloria!... Fasto memoravel! E um dos mais brilhantes que nos apresenta a Historia!!!..

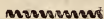
Oh! Porto! Oh gloriosa, e invicta Cidade! Quem podéra igualar-te! Sagunto, e Syracusa entre os antigos?.. Ostende entre os modernos? Não: nenhuma provou taes soffrimentos: nenhuma conseguio taes resultados.

Uma lucta acintosa, e porfiada... as forças do despotismo... a guerra dos elementos... um mar proceloso... uma fome cruel... uma peste horrorosa...

nada... nada poude abater teus brios! O Senhor D. PEDRO estava aqui!..

E que direi eu da continuação de suas emprezas? Poucos soldados batem exercitos. Alguns Navios tomam Esquadras. Uma Brigada conquista Lisboa. E a Filha do Heroe — o Idolo do amor Nacional — entra, sem saber-se como, na Herança de Seus maiores — Legisla — e Reina. Ou não ha milagres, ou é este um dos mais estrondosos, que tem visto o Mundo!..

Magnanimo Principe! Que bem merecidos não sam os votos de respeito, e admiração, que hoje te dedicamos! Que sublimes, e incomparaveis dotes não abrilhantaram a tua militar carreira! Que audacia em tuas expedições — Que grandeza d'alma em teus revezes — Que firmeza nos maiores perigos!.. Emprehendedor como A'nnibal — previdente como o seu cauteloso rival — corajoso como Leonidas — valente como Alexandre — guerreiro como Cesar — intrepido, e sobrio como Carlos — rigido em disciplina como Frederico — liberal, e joven como Floche — vivo, e rapido como o vencedor de Dassano, e d'Arcole — ao som da sua voz se esváem os obstaculos! E aos golpes do teu Genio o Fanatismo cahe!.. O teu Semblante, ó Grande Principe, anniquila o mêdo — e o teu Braço derruba a Tyrannia!.. Objecto da minha 2.ª Parte.

## SEGUNDA PARTE.

A Tyrannia é um dos maiores males, que flagellam a Sociedade. Nesta especie de Governo o Tyranno é tudo, e os cidadãos nada! O habito de cegamente obedecer destroe o moral, e transtorna o physico. Para o homem escravo a vida não tem encantos — o coração affeições — nem a imaginação harmonias: é uma camara obscura onde nada saliente se descobre. As faculdades mentaes se ennervam — o Heroismo se amortece — o brio, e o pundonôr nacional se murcham — o reflexo d'alma extingue-se — o genio apaga-se — e, similhante à esses passaros nocturnos, são rasteiros os seus vôos, e agoureiros os seus cantos!.. A força do abuso o constitue um ser puramente imitador. A vontade d'um só homem é o seu norte: desculpa seus vicios, e adora seus erros!.. Seus orgãos entorpecidos na estreita orbita, que o Tyranno lhes circumscreve, jámais podem apreciar as sensações deliciosas, que o sublime quadro da Liberdade amostra: e seu espirito, sopeado pela cadêa dos prejuizos, só vota um mesquinho, e aviltador incenso sobre as aras do Despotismo!..

Quando imperam os Tyrannos, diz Florian, o cidadão não tem nem casa. Havêres — honra — a propria vida — tudo está no querer d'um Déspota. Do direito de propriedade não garantido resulta a inercia, e a molesa; e a indolente ociosidade não será o germen dos vicios todos? Com esses vicios folga o Tyranno... a corrupção é o melhor esteio do seu Throno; e por isso Xerxes para escravisar os povos, lhes prescrevia o luxo, e os praseres frívolos!

Se um estranho, instruido em nossas cousas, mas não sabedor de nossos ainda recentes males, ha menos de dous lustros assomasse as Lusitanas Terras, não reconheceria elle a fidelidade deste quadro? Que differença entre o que houvesse lido, e o que então fosse observando?..

„ Este, dizia elle, foi n'outr'ora o Paiz d'uma
„ Gente aguerrida, e bellicosa... aqui começaram
„ a amedrontar-se as Aguias de Roma... alli titu-
„ biou a pericia de Cesar... acolá baqueiaram as
„ mahometanas Luas... com valor inconcebivel, pas-
„ so a passo, foi ganhado este torrão... Não foi um
„ punhado de Lusos, que despedaçou o jugo, com
„ que o Leão d'Hiberia por mais de meio seculo os
„ opprimíra? De seus estaleiros não levantavam o
„ ferro essas possantes Armadas, que avassallando
„ incognitos mares, levavam o terrôr de suas armas
„ a outros mundos, e a ignoradas Tribus? e a pre-
„ nhes vélas, ornadas de galhardetes, não volviam
„ á foz do Tejo, trazendo ao patrio ninho as rique-
„ zas do Oriente — bem como o incrivel catalogo
„ de novas possessões, e ao mesmo tempo de novas
„ victorias?.. Sedentos de gloria, não corriam a
„ buscal'-a, atravez da morte, esses innumeros Heroes,
„ que ou se armavam Cavalleiros nas montanhas de
„ Leon — ou enfermavam á mingua na famigerada
„ Goa?.. Não se asylavam aqui as sensiveis Mu-
„ sas — as altas Sciencias — e as industriosas Ar-
„ tes?.. Mas oh! como se alluiram esses elevados
„ monumentos d'esforço! Que é feito de seus Guer-
„ reiros — de seus Sabios — e de seus triunfos? Em
„ que imitam elles seus antepassados, que manejavam
„ a lança, e a penna com tanto primôr e fama? —
„ N'outr'ora affluía nos seus portos o commercio de
„ todas as Nações — Eram verdes os seus campos —
„ e abundantes as suas ceifas. Hoje estam solitarias
„ estas margens... estam êrmas as campinas... e
„ desertas as suas ruas!.. Então nossa alegria in-

„ genua, e viva trasluzia na face dos Portuguezes...
„ Agora tudo nelles é monótono, pausado, e tris-
„ te!..Civismo — humanidade — amor da gloria —
„ nada aquece esses animos de gêlo. A ignorancia é
„ seu elemento... a servidão seu culto... e a supers-
„ tição sua crença!...

„ E qual é a causa desta universal mudança?
„ Porque motivo perderam elles os sentimentos do
„ pundonôr antigo? Porque se notam impressas em
„ suas feições a dissimulação, e o mêdo? Porque,
„ pertencendo á sociedade, não formam um só de
„ seus grupos?... É porque o Usurpador subio ao
„ Throno: é porque o Tyranno espreita seus passos:
„ é porque a menos livre das suas acções é um cri-
„ me imperdoavel!... Nação infeliz! Eu te lamen-
„ to!!!..„

Mortal! Detem-te! Alonga a vista ao Brasileiro Sólo: o Heroe dos dous Mundos vem em pessoa quebrar nossos ferros. O clamor dos Portuguezes chegou ao seu peito; e seus paternos braços sam o unico refugio d'uma Filha extremosamente amada — errante... sem domicilio fixo — ora soffrendo o choque dos elementos — ora provando a inconstancia dos homens — e por ultimo a má fé punica dessa Albion soberba, que, começando pela aggregação de pouco habitados rochêdos, tem hoje em seu recinto o sceptro dos Mares, e o ouro das Nações: naquelles dictando Leis; nestas promovendo a discordia: e cujo Ministerio ao mesmo tempo em que no Windsor a saudava Rainha, dava as mais terminantes ordens para serem metralhados os seus Subditos sobre as aguas da Terceira!... Que despeito para um Principe Portuguez!.. „ Estou proximo a desligar-me dos Brazís (clamaria elle). Sou Joven... Estou armado! „ E o Senhor D. PEDRO atravessa os mares.

De Seculo a Seculo apparecem taes homens.

Como Legislador philantropico a Historia sem injustiça o collocará ao nivel dos Solons, e dos Ly-

curgos: mas entrado na lucta europea seu Renome não desmerece entre os Varões, que a Antiguidade celébra, e que o Modernismo admira!..

Quem embarga seus passos? Uma tortuosa, e enredada politica. Quem tolhe suas ideias? A marcha dos tempos — o prestigio dos povos. Quem espia seus vasos? Uma Esquadra forte. Quem resiste a seus golpes? Perto de cem mil homens. Quem diminue seus Bravos? A fome — o fogo — e a peste. Quem apoia seus inimigos? Os Reis — a Nobreza — e o Clero. Mas quem observa suas acções? O Mundo todo. E quem auxilia o Heroe? Os Liberaes — e o Porto. E quaes sam seus recursos? Seu Genio, e sua Espada: e se entre nós a Liberdade obteve Cultos, a Mão de PEDRO construio seu Templo!...

Impavido no meio dos perigos, como as montanhas, onde se desencadeiam os ventos — sobranceiro á morte, como esses marmores, que presidem aos tumulos — terrivel aos inimigos da Patria, como a voz da consciencia ao criminoso — elle apparece... e o aspecto da Peninsula muda.... Sim: o trovão se escuta ao longe... o raio estala sobre a frente do Tyranno! A tempestade, que tivera aqui a sua origem, volve aos mares e desaba no Cabo de S. Vicente! Raivosos furacões lançam Lisboa por terra... a nuvem comtudo vai reagir sobre o Norte... O écco dos canhões ressoa nas margens do Tamega... Amarante, a chave das tres Provincias, é tomada em poucas horas... Lamego — Vizeu — e Coimbra cedem; o Despotismo está vacilante... A Asseiceira lhe dá golpes mortaes... e em Evora-Monte totalmente expira!...

Usurpador! O teu Reinado acabou!...

Todavia, Senhores, de que serviria na bôca dos Reis a Liberdade, se os cidadãos a não gostassem? Se não se tornassem reaes, valiosos, e efficazes os seus resultados? Eis o que fez o Senhor D. PEDRO.

„ Quereis avaliar a felicidade de um Povo? (diz
„ um Sabio Publicista) Examinai quem o governa.
„ Se o Imperante é bom; — se é amigo da mode-
„ ração, e da justiça; — se é igual em seus costu-
„ mes; — se sabe modificar suas paixões, sacrifican-
„ do-as aos interesses da Nação... esse Povo é li-
„ vre: esse Povo será feliz!.. „

E quem não vê nestas breves palavras o quadro do nosso Paiz, e do incomparavel Regente? Aqui, Senhores, a grandeza do objecto supplanta minhas ideias. Por onde começarei eu? Elogiarei a cultura do seu espirito, adquirida no uso do mundo — na variedade de suas aventuras?.. em suas reiteradas viagens — nas prestadias lições da desgraça — no estudo das differentes Nações, que visitára — e no jogo da moderna Diplomacia, de que por tanto tempo foi o alvo?..

— Gabarei a polidez do seu caracter, e a exquisita sensibilidade do seu tacto politico, aperfeiçoado nas Cortes mais respeitaveis do Universo?...

— Fallarei desse Homem extraordinario que aos 37 annos d'idade, contava metade da sua existencia por entre continos sustos — chimericas esperanças — e verdadeiras fatalidades?

— Ou volverei á epocha propriamente dita, em que o Senhor D. PEDRO, socegado e pacifico no Patrimonio dos Seus maiores, começou a menear as rédeas do Governo? Quem mais justo em seus juizos — mais atilado em seus conselhos — mais prudente em seus designios, e mais forte em sua execução? Que sobriedade! Que parcimonia! Que popularidade em suas maneiras! Houve alguem mais cuidadoso dos seus deveres — mais amigo do mérito — ou premiador da virtude? O bem nacional é o primeiro movel das suas acções; e a Religião, e a equidade, a base de todas ellas. Seu animo é recto: seu coração beneficente: e o desejo d'acertar preside ás suas deliberações. Sua presença acalma as tribulações da

Patria. E sua vigilancia, grangeando a publica affeição, promove o bem-estar dos seus Subditos....

Não ha Sociedade, que elle não proteja: não ha Estabelecimento, que elle não visite: Empreza, que elle não anime: Industria, que elle não prospere: Infeliz, que elle não contente — Nem um só Portuguez que o não admire!...

Para ser estimado de um povo, é preciso fazerlhe o bem. Oh! E como era bondoso aquelle Coração, mesmo no seio da adversidade!.. Elevado ao fastigio do Podêr; e mais que nunca proximo ao nada das grandezas humanas... quando succumbe á violencia das dôres... quando a voz da Eternidade lhe falla ao ouvido... quando presagios crueis lhe extenuam o sentimento... qual Pyramide altiva entre as ruinas de Thebas — sua grande alma é superior a todos os revezes! É sem duvida forçado o seu sorriso; mas em seus labios habita a candura. É o Anjo da Esperança no meio da geral desolação!...

Nas almas sensiveis a dôr sempre é profunda: e quando ella está no auge o quadro das mundanas pompas é um tormento de mais!.. E que faz o Senhor D. PEDRO atravez dos pungentes suspiros da belleza, e da innocencia, que o rodeiam? A Nação é o seu pensamento exclusivo. Que velem por ella — que provejam de remedio em tão criticas circunstancias — eis os votos que dirige aos Representantes do Povo! O amor, e a natureza reclamam sem partilha os seus direitos; mas a Religião.... mas o seu dever exigem primeiro o bem commum: e o Heroe resigna-se, e cede! É uma victima expiatoria immolada no altar da Patria!...

O' Principe! Tu devias ser immortal!..

Deus d'Affonso! Vós não desamparastes o mais denodado, e brioso de seus Seguidores! Grande na vida pela omnipotencia do vosso Braço, a efficacia dos vossos Sacramentos o fez extraordinario na morte!.. Que importa que o mundo se arme... que

uma esposa adoravel o interneça... que a filial ternura o commova?.. As sentinellas do Ceo estam a seu lado! Não é Herodes, o grande, ulcerado, e punido por suas crueldades: não é o Despota de Babilonia, vendo inscripta no seu Palacio uma irrevogavel sentença... nem o vaidoso Anthioco fulminado do remorso, e da dôr... É o Patriarcha Jacob merecendo as lagrimas de uma Posteridade immensa. — É David recebendo o galardão da sua Piedade. — É Esechias dormindo o somno do Justo nos braços de um filho querido!..

Mas que lugubre objecto vem tolher o fio das minhas ideias! Tépida, e harmoniosa era a noite de hoje... um carro funebre vai silencioso pela Capital de Lisia, como um pensamento de dôr atravessando as alegrias da vida... Um numeroso acompanhamento o segue.... mas a marcha pausada... cadenciosa... e triste de tanto Guerreiro abatido... a palidez impressa em tanto semblante, que sem pavôr arrostava as mais lidadas batalhas... O genio da melancolia esvoaçando em todas as cogitações... tudo annuncia a irreparavel catastrofe!..

Grupos de gente de todas as classes, e partidos aqui... e alli se apinham... Não ha crença politica que os desuna; nem espirito de facção, que os separe: porque a verdadeira grandeza, e virtude subjugam todas as opiniões; extinguem todos os odios; absorvem todos os sentimentos humanos; menos a admiração, e o reconhecimento! « É este, é este o » que ainda ha pouco transitava por estas ruas en» tre as acclamações, e os vivas d'uma população » enthusiasmada?! Oh! como acabou este poderoso » Principe, que tinha restaurado este Paiz! *Quo» modo cecidit — cætera que* — Vai-te Homem cle» mente, e generoso! Deus te leve á mansão dos » Justos!.. »

O cortejo passou... mas graves pensamentos ficaram nos corações opprimidos — e muitas faces ba-

nhadas de pranto!.. Assim por entre lagrimas não só de Romanos, mas tambem de Sabinos, hia Numa Pompilio sepultar-se no Janiculo!.. O bronze troou... e lá entrou na terra inanimado e frio, o Heroe ardente, e fogoso, que tanto luzíra em ambos os Mundos!!!..

Subiste aos Ceos, alma benéfica! Foste augmentar essa galeria de Justos, que dos Paços Reaes foram povoar a Jerusalem Celeste... e que tão conhecidamente tem protegido assim um Povo, que lhes fôra caro, como a digna Filha, que o governa!

Sim: lá está Mafalda — a Consorte do Fundador — modélo de piepade, e de virtude, cujos dotes tanto ennobrecem A que preside aos nossos destinos!..

Lá está Sancha — Heroina de santidade, e discripção — symbolo das qualidades amaveis, que adornão a idolatrada Soberana!.. Lá é Joanna o alvo das admirações do seu tempo... Está Isabel emfim — a Esposa do grande Diniz — o typo da modestia, doçura, e singeleza; cujos dias se volveram em apasiguar as discordias, e as dissenções entre os grandes, e os pequenos — e para cujo fim a sua presença bastava! Quem não vê em Maria II o seu retrato?..

Teu espirito, ó Magnanimo Principe! Pugna por nós a par dessa Milicia Santa, lá na habitação da Gloria, onde piamente o crêmos! Em quanto cá na Terra nos animam teus exemplos: — teu genio as acções da Rainha: — teu coração esta invicta Cidade: — e a fama de teu nome toda a Nação Portugueza!..

Está terminado o meu discurso.

Mostrei quanto cabia em minhas forças — que ao Senhor D. PEDRO deviamos — Patria — Civilisação — e Liberdade. Se a nossa gratidão deve ser marcada por seus beneficios, illimitados sam elles... aquella deve sê-lo tambem. Imitemos o zêlo

desses cidadãos benemeritos, cujo Programma tão cordial, e generosamente foi acceito, e sem duvida será garantido pelos illustres Mesarios desta distincta Irmandade. Tributemos uma devoção civica a todos os bons, que generosissimamente concorreram para esta gloriosa empreza. Forcejemos por leval'-a ao cabo.

Exige-o a Gratidão; — a Justiça approva; — e a Religião sancciona este Legado magestoso, e solemne... estes piedosos suffragios ao Eterno pelo repouso daquella alma ingénua, que tão incançavel fôra em promover-nos o socego!

E vós, ó Deus dos Christãos! Dignai-vos acceital'-os! E se é dado a um simples mortal — mover a vossa attenção aos males publicos... Sêde propicio ás minhas supplicas! Affastai de nós a eiva dos partidos — o contagio da scisão, que tanto lavra entre os Membros da Familia Portugueza!... Uni, Senhor! Uni seus filhos em torno de uma só Bandeira... = a Bandeira da Lei: = Lei que premeie a virtude, e que puna o crime — seja qual fôr o seu matiz politico. Oh! se os votos de todos os Portuguezes fossem tão sinceros, como os meus sam hoje!.... Que a Religião de nossos Páes seja o laço que nos fraternise! — Que esta Religião d'amor, e caridade nos adquira a tranquillidade d'espirito nesta vida, e na outra um eterno descanço!!!.....

## ERRATAS.

| Pag. | Lin. | Erros | Emendas |
|---|---|---|---|
| 7 | 30 | neste dia | até este dia |
| 8 | 3 | conheciam | concluiam |
| 9 | 14 | mas almas | suas almas |
| 10 | 29 | Fasto | Facto |
| 11 | 22 | Floche | Hoche |
| " | " | Dassano | Bassano |
| 13 | 7 | dizia elle | diria elle |
| " | 26 | Leon | Sion |
| " | 37 | nossa alegria | uma alegria |
| 18 | 29 | E' este, é este | E' este, diziam elles, |
| " | 38 | ficaram nos corações | ficaram: os corações |
| 19 | 10 | tem protegido | protegem |